



## FRANÇA — S. FLORENCIO

A ORIGEM da cidade de S. Florencio, actualmente capital do departamento de Maine e Loire, situada a vinte kilometros de Beaupréau, é incerta. Contudo não ha circumstancias que nos levem a pensar que ella remonte além da idade media. Esta pequena cidade parece que deveu a consideração de que gosa á formosura do sitio que occupa. Foi provavelmente um senhor, que lhe lançou os fundamentos, edificando um castello, de que não restam vestígios. Em tórno da residencia senhorial foram-se pouco a pouco agrupando algumas casas. O local realmente convidava. S. Florencio está situada n'um alto; e fica sobranceira d'um lado a uma immensa planicie coalhada de aldeas e logares, de terras de pão, arvoredos etc., e do outro ao Loire, que n'aquelle ponto é bastante largo, e povoado de pequenas ilhas de uma vegetação luxuriante.

S. Florencio é pois uma das mais agradaveis cidades de França pela sua situação. Mas, penetrando no povoado sente-se o coração opprimido de ter-

ríveis recordações, e o viajante acha-se face a face com lóbregas ruínas.

Foi ali que a guerra da Vendea começou verdadeiramente. Foi ali que se organisou, sob as ordens do Hoche republicano, Arthur Bonchamp.

As memorias das lutas gigantes d'aquella epocha não as pôde ainda o tempo apagar. Dous monumentos mórmente testemunham em S. Florencio aquella terrivel pagina da historia de França: um é a columna levantada em honra da generosidade de Bonchamp, que, lutando contra todos os seus, salvou a vida de cinco mil prisioneiros republicanos encerrados na igreja de S. Florencio, e que os vencedores queriam que fossem fuzilados; o outro é o proprio tumulo do general vendeano, pouco tempo depois de tão magnanima acção ferido mortalmente na tomada de Chollet. Neste tumulo, de forma antiga, se vê a estatua de Bonchamp, devida ao cinzel de David (d'Angers): é uma das obras primas deste famoso esculptor contemporaneo.

FEVEREIRO 26, 1853.

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

*Sebastião da Cunha, e o marquez de Pombal. — Descrição do porto de Bissau. — O ilheu de Bandim, ou a morte. — Descrição e historia de Bissau. — Dez reis que não valem um real. — Costumes dos papéis. — A nova Sparta. — A inveja e a ingratição.*

## II.

AINDA o sol não despontava no horisonte, e já eu estava na tolda, e procurava por toda a parte a praça de S. José de Bissau: este nome resoava tão suavemente aos meus ouvidos, que me parecia impossível que a vista d'esta fortaleza não alegrasse também muito os meus olhos. Aqui não havia uma pedra, que não tivesse sido cimentada com muito sangue, e que não fosse uma pagina eloquente de nobilissimos feitos; infelizmente, ou felizmente, foi n'ellas que eu li os primeiros capitulos da historia d'esse homem-enigma, que preveteu o nosso caracter nacional, e que destruiu a nossa constituição.

Quem vê Bissau não póde esquecer Sebastião da Cunha, cujo nome ainda hoje repetem os papéis com pavoroso respeito, e que só por si vale um exercito; mas quem se lembra d'esse nome, que foi como o ultimo clarão d'uma alampada que se apaga, não póde deixar de votar ao marquez de Pombal um odio proporcionado á afeição que consagra á sua victima, a Sebastião da Cunha Sotto Maior, que elle sacrificou á companhia, porque general tão valente, como zeloso e honrado administrador, não consentia que os agentes d'esta, João da Costa e João Ferreira, esfolassem os seus administrados, como os estavam esfolando em Cabo Verde. (1)

Mas tornando a atar o fio de minhas idéas, que esta pequena digressão me fez quebrar; eu procurava a praça, e não a via. Não a achava, qualquer que fosse a posição que tomasse no navio, e por mais que abrisse os olhos... até que a final, appareceu o sol, e logo depois vi surgir, por detraz d'uma casa de menos má apparencia, a bandeira bicolor, e guiado por ella descubri com muito custo um bocado de baluarte. E assim que a praça domina o fundeadouro! cousas nossas...

Depois soube que esta casa foi feita pelo governador Mocho, em 1824 ou 1825, que cuidou mais em procurar a melhor situação para a sua casa, do que na segurança da guarnição, e da fortaleza confiada aos seus cuidados.

O *Vouga* estava á vasante, e eu voltava as costas á popa. A' minha esquerda levantavam-se em amphitheatro umas seis ou sete casas caiadas e cubertas de telha, e estendia-se um grupo de choupanas miseraveis, feitas de lodo, e cubertas de colmo, que me pareciam um rebanho de porcos ruivos atascados n'um lamaçal. Era a aldêa dos grumetes, que começa a menos de cinco passos de distancia da contra-escarpa do fosso (se é que se póde dar esse nome a uma

sanja que terá vara e meia de profundidade, e pouco mais de duas braças de largo), o que prova inquestionavelmente que ha muitos annos Portugal olha para as suas colonias, como uma madраста invejosa olha para os enteados; e explica a vergonhosa dependencia em que a praça tem estado até agora dos papéis, e não menos dos grumetes, que são os seus atiradores, e guardas avançadas em quasi todas as guerras contra a bandeira portugueza.

Via-se pela aridez do sólo, cuja monotonia só de longo espaço a longo espaço era quebrada por uma arvore pequena e enfesada, que parecia timida na sua solidão; que tinha passado por aqui essa bastarda civilisação, que, em guerra contra tudo, e até contra a natureza, cuida que se distingue dos selvagens, mostrando-se ainda mais selvagem. Saudei de longe o logar em que me disseram que tinha sido construido o hospicio dos capuchos, a casa dos missionarios da Companhia de Jesus, e as ruinas da igreja da Candellaria, construida a diligencias do bispo D. Fr. Victorino Portuense, pelos annos de 1689 a 1696. Nenhum d'estes edificios existia já; ha muitos annos que tinham desaparecido; não encontrei ninguem que os tivesse conhecido em pé.

Na praia estava-se concluindo um brigue, que tinha mandado construir o negociante João de Barros, e que poucos mezes depois foi lançado ao mar com o nome de *Estrella Africana*. Mal sabia eu que pouco mais de um anno depois arrojaria elle ao mar uma grande parte da guarnição, e os passageiros que da villa da Praia conduzia para Bissau; e que n'essa occasião pereceria o meu amigo João José Antonio Frederico, que estava nomeado director da alfandega de Bissau, e que era um dos homens de mais talento da provincia!

Por então alegrei-me com a vista d'este navio em construcção. Tudo quanto mostrava um ar de vida, celebrava-o parecendo-me que eram indicios de regeneração proxima: achava-me como aquelles enfermos agarrados á vida, que, não obstante conhecerem que a sua doença é mortal, esperam todavia sempre que o remedio, que se lhes receita, seja capaz de os arrancar á morte, e restituir-lhes a vida, que tem tanta pena de deixar.

Adiante de mim, a' onde os olhos podiam alcançar, estendia-se o rio de Guedes como um largo panno de tella de outro recumbido de brilhantes: esse era o effeito dos raios do sol, reporentidos em pequenas fracções que um nordeste brando se divertia em multiplicar enrespando as aguas: e a um e outro lado estendiam-se duas largas zonas de um azul ferrete aveludado. Estas zonas eram formadas pelas florestas dos balantas, e outras nações de pretos da terra firme, que o sol ainda não illuminava.

A' minha direita, quasi tão distante de nós, como estavamos da praia da aldêa de Bissau, levantava-se o ilheu do rei, como para se queixar das devastações que nos seus bosques cerrados tinham feito os moradores de Bissau, para os seus moveis, e para quantos usos achavam conveniente... Ainda se viam algumas arvores, mas tão rareadas, que mais me parecia ver uma alameda artificial, com as suas ruas puxadas a cordel, e as suas meias laranjas, do que esse ilheu frondoso, essa selva druidica, em que me fallavam as narrações de alguns portuguezes. Um das dessas arvores estendiam as suas mais ricas vestiduras de verde ouro, franjadas de prata, como se quizessem que ellas admirassemos; outras desdobravam os seus elegantes ornatos de um verde-preto apalhetado de ouro; e a terra envolvia-se n'um manto verde-claro enriquecido de brilhantes, que offuscava os olhos com suas claridades furta-córes, como se qui-

(1) É notavel que dous annos depois (em 1776) o mesmo marquez de Pombal sacrificasse também a companhia o honrado governador de Cabo Verde, Joaquim Salema de Saldanha Lobo, por se ter opposto ás rapinas que ella por meio de seus agentes fazia na villa da Praia, "o que (diz um manuscrito que tem o sr. Miller em S. Nicolau) só com peitas se póde explicar." Não sei quem as receberia, nem se se deram: historio, e deixo a outros o cuidado de moralisarem.

zesse abrigar-se dos ardores do sol, ou esconder-se pudibunda aos nossos olhos.

N'outra occasião tratei d'este ilheu, que fomos examinar, e que pela sua posição merece mais consideração, do que aquella com que tem sido tratado desde 1838 até hoje; mas que em todo o caso não desdiz d'aquella com que Portugal tem tratado as cousas de Africa, principalmente desde que o marquez de Pombal entendeu que devia sacrificar-a ao engrandecimento e á prosperidade do Brasil.

No fundo do quadro, e pela alheta d'estibordo nos apparecia o ilheu de Bandim, que alguns portuguezes europeus chamam dos *passaros*, pelos muitos que ali ha de diversas especies, e principalmente garças e magaricos reaes, quasi do tamanho de pérús; e que tenho motivos para suppôr que é o mesmo que alguns chamam da *superstição*, porque era creença, estabelecida e enraizada por muitos exemplos, que as pessoas que ali fossem caçar morriam dentro de poucos dias, o que não acontecia com o ilheu do rei. Modernamente descobriu-se um meio de annullar este decreto das parcas, que se suppunha inevitavel; e bem simples é esse remedio. Aqui o ponho para utilidade de algum europeu, que seja guloso de boa caça, e que tenha vontade e modo de ir ao ilheu procural-a. Basta que, ao recolher da caçada, tome um remo, ainda que não saiba remar, até que chegue a casa bem suado; assim que chegar tome um copo de algum liquor espirituoso, ou chá bem quente, esfregue o corpo com uma escova e agua-ardente, e abafe-se bem para continuar a transpiração, e asseguro-lhe quanto humanamente se pôde assegurar, que o ilheu ha de ter o desgosto de os vêr de perfeita saude.

O remedio que ensino denuncia sufficientemente a causa da morte. Cansados da caçada, cubertos de suor, e molhados pelos pantanos que é preciso atravessar enterrando-se até ao joelho, entravam os caçadores no boie, e ali em perfeita inanigão, augmentada pela frescura e humidade do rio, arrefeciam, e quando chegavam a casa eram atacados de uma febre miasmatica, que os arrastava á sepultura. Foi d'ahi que veio ao ilheu a sua cruelissima reputação.

Algumas cartas francezas dão a este ilheu o nome de *ilot-Bourbon*, fundando-se, se não me engano, na auctoridade de *mr. le contre-amiral Roussin*. E sabem os meus leitores a causa? Eu lh'a digo, que é engraçada.

Aqui ha annos, não sei, ou não me lembra quantos, esteve em Bissau um francez, que n'uma bella manhã disse que ía viver para este ilheu, que tem uma extensão de terreno de trescentos ou quatrocentos passos, pouco mais ou menos. Ali se demorou uns seis ou oito dias, comendo a caça que apanhava, e bebendo a agua dos charcos por não haver de outra; e por fim aborreceu-se, voltou para Bissau, esteve doente, e ha muito que se não sabe o que foi feito d'elle. Este é o fundamento da pretensão que pelo nome se collige que os francezes tiveram a este ilheu; e realmente não é tão sem fundamento, como á primeira vista pôde parecer. Este homem provavelmente capacitou-se de que as suas caçadas eram outras tantas guerras de que saiu vencedor, e que lhe deram direitos de conquista sobre o terreno do ilheu, de que, como bom e leal francez, se appressou a fazer homenagem ao seu soberano, enviando-lhe a narração de suas sanguinosas campanhas, e pedindo-lhe a investidura do reino de que seria então o soberano feudatario. Ha tantos originaes por esse mundo, e principalmente em Franca!

Pena foi que o seu futuro dominio não tivesse agua potavel, e que por esse motivo perdessemos o

divertimento que nos daria este novo potentado, indo fazer reviver na costa d'Africa o já morto feudalismo! *Sic transit gloria mundi*. . . (1)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

#### A CRECHE.

CRECHE é uma palavra franceza, que talvez pouco se accomoda á indole da nossa lingua, mas que é difficil substituir por outra, que exprima o que ella exprime depois que a caridade a adoptou para significar uma das suas mais bellas obras.

Mr. Marbeau foi o fundador da creche em 1844. O seu fim principal, como elle mesmo disse, era procurar aos meninos um ar puro, alimento são, apropriado a sua idade, uma temperatura conveniente, a limpeza, os cuidados assíduos, dar ás mães a liberdade do seu tempo, dos seus braços, e fazer com que se pudessem entregar ao trabalho sem estorvos e sem inquietação.

O seu primeiro ensaio foi o de doze berços na rua de Chaillot em Paris, a 14 de novembro do referido anno. Só dez d'estes berços estiveram occupados os primeiros seis mezes, e a despeza foi mui pequena, porque a alimentação das creanças é baratissima.

A' similhança d'aquella, outras creches se foram estabelecendo; e a de S. Philippe de Roule passou a ser considerada a creche modelo. O seu pessoal administrativo era composto de um *comité* superior de homens, que se occupava dos interesses geraes, das receitas e das despezas; e de outro, composto de senhoras, as quaes de entre si elegiam uma presidente, uma vice-presidente, secretaria e thesoureira.

Todos os dias havia na creche uma visita official de senhoras, e outra de medicos, que a este serviço gratuitamente se offereciam.

As mulheres encarregadas do serviço interior ganhavam um franco e quatro centessimos por dia, e eram vestidas de uma maneira decente e uniforme, á custa da creche.

Ellas abriam-na ao romper a manhã, fechavam-na á entrada da noute. Eram obrigadas a conservar-a sempre limpa, a lavar, a vestir as creanças, a preparar-lhes a comida, a administrar-lhes os remedios, e até, quando era necessario, a lavar-lhes e a enxugar-lhes as roupas.

A despeza ordinaria de uma creche, de vinte a quarenta meninos, não excedia a quarenta e cinco centessimos por dia, para cada menino. Para ella, concorria cada uma das mães com vinte centessimos diarios; o que diminuia consideravelmente a que necessitavam de fazer os bemfeitores.

E aquella quantia chegava para o aluguer da casa, para o salario das empregadas, para a luz e fogo, lavagem de roupas, sustento dos meninos, medicamentos, e outros gastos miudos. Não se pôde fazer o bem a menos custo.

As mães eram sujeitas áquella retribuição por dous motivos: o de se não relaxarem os laços de familia, e o de se não envergonharem algumas mães, recebendo como esmola o tratamento de seus filhos. Ellas, no intervallo de seus trabalhos, podiam ir vel-os, e até amamental-os quando estavam em idade d'isso.

A medida que a utilidade das creches se foi co-

(1) Devo contudo prevenir que, no interior, ha paizes onde é conhecido e praticado este systema de governo, como se vera pela continuação destes estudos.

nhecendo, ellas se foram multiplicando pelas cidades e povoações principaes da França. Os dias, em que muitas d'ellas se abriam e se benziam, eram dias de festa para os concorrentes. As casas ornavam-se de uma immensa profusão de flôres. Apareciam excellentes pinturas analogas; e o espectáculo dos meninos, passando dos braços de suas mães naturaes para os braços da caridade, fazia verter muitas lagrimas de consolação e de ternura.

Os salões da creche continham alguns outros objectos, mas principalmente berços: o que bem denotava a idade para a recepção das creanças, que deviam ser filhas de mulheres casadas e honestas, e não ter alguma molestia contagiosa. As que não eram vaccinadas, faziam-se vaccinar antes de tudo, fóra ainda do estabelecimento.

Ha factos notaveis relativamente ao objecto das creches, e eu apenas referirei o seguinte: As pobres mulheres de Montmartre pediram instantemente uma creche, onde depozessem seus filhos quando fossem para os seus trabalhos, e ninguem, dos que mais podiam valer-lhes, pareceu ouvir-as. Então as irmãs da caridade tomaram a resolução de abrir uma; porém, que meios tinham ellas para isso? Arranjaram alguns berços, retalharam os lençoes das suas camas, as suas cuberturas, alguns dos seus vestidos, para guarnecerem aquelles berços, e encarregaram-se de todo o serviço. E tal foi o principio da creche n.º 23 do departamento do Sena.

Em 1846 formou-se uma sociedade com o titulo de sociedade geral das creches, a qual procurou centralisar os esforços isolados, dar um mais vivo impulso, um maior desenvolvimento a tão util instituição; e ao caritativo auctor do livro — *Das creches* — adjudicou a academia franceza, pelos fundos de Montfion, um premio de tres mil francos.

Entretanto não se pense que o pensamento feliz de mr. Marbeau deixou de ter contradictores. Mr. de Cermenin foi talvez o maior que elle teve. Queria que se desse ás mães em suas casas o que se houvesse de gastar com as creches; como se o systema das creches fosse apenas um systema de sustentar a vida, de matar a fome das creanças, e não um recurso eminentemente hygienico e moralizador.

Mr. Marbeau respondeu-lhe victoriosamente. Dar ás mães, lhe replicou elle, o que deve despende-se com seus filhinhos, importa o mesmo que dizer que, em lugar de se dar ás mães a liberdade do seu tempo e dos seus braços, se lhes dá a occasião de ficarem sem trabalhar. Eu prefiro o trabalho que moralisa á ociosidade mendiga que desmoralisa. Eu penso que uma mãe que trabalha, e que desembolsa uma pequena retribuição pelo beneficio que seu filho recebe, se conduz melhor e o ama mais que aquella que se costuma a não fazer nada. O que distingue a caridade intelligente da esmola vulgar, é que uma

com pouco faz muito bem, e que a outra com pouco não faz senão pouco bem, ou talvez mal: uma multiplica o pão, a outra o desperdiça, ou talvez o envenena.

Ja quasi finalizando o anno de 1852 sem que no nosso Portugal houvesse uma só creche, quando á cidade do Porto chegou o sr. João Vicente Martins, na volta da sua viagem do Brasil á Europa. Elle sentiu não vêr em Portugal o que vinha consolado de vêr em outras terras que havia percorrido, e estabeleceu á sua custa, por um anno, uma creche de vinte berços no largo da Trindade.

O dia da sua abertura foi de grande concorrência n'aquelle sitio, e o acto da benção, pelo abbade respectivo, de grande edificação. Não havia ainda meninos; mas de tudo quanto podia concorrer para as suas commodidades não tinha esquecido nada áquelle caritativo fundador.

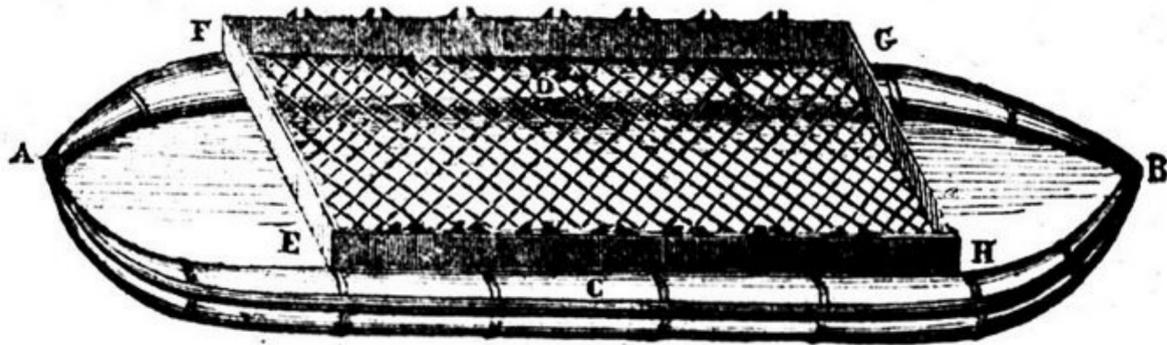
Não faltou, porém, quem começasse logo a dizer que uma tal instituição se não chegaria a aclimar no Porto; que a improvisada creche ficaria deserta; que não haveria mães que lhe confiassem seus filhos; mas a experiencia não tardou a desmentir os detractores. Ahi estão os berços todos occupados, e mais o estariam se mais elles fossem.

E de esperar que, passado algum tempo, uma segunda se abra. Já começam a haver donativos para ella, e já um jornal scientifico se está publicando com o destino de auxiliar-a com o seu liquido producto. E porque se não abrirão em Lisboa, e em outras partes, tantas quantas fôrem necessarias?

Não ha uma instituição nem mais util, nem mais barata. Para a estabelecer e a sustentar não é preciso nem que o pobre se torne mais pobre, nem que o rico empobreça. Pequenas esmolas, de que os pobres mesmo são capazes sem se incomodarem, dão pelo seu numero grandes resultados, quando a verdadeira caridade as solicita; mas os ricos que são elles senão depositarios das riquezas, e com que se desculparão quando se lhes pedirem contas do uso que d'ellas tiverem feito?

Com o que se gasta n'um esplendido jantar, ou n'um baile magnifico, se poderia fundar e sustentar uma creche. E que differença? O que dá esse baile ou esse jantar expõe-se a trabalhos, a despezas, a censuras, a desgostos, talvez a remorsos; e o que applica o seu dinheiro para o objecto de que se trata, além da recompensa que o espera na eternidade, recebe já n'este mundo uma grande retribuição. Que satisfação não será a sua, ao entrar n'um salão cheio de meninos, uns dormindo o somno da innocencia, outros brincando, outros até rindo-se para elle, se elle então puder com verdade dizer: Este espectáculo encantador é obra minha?

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS.



**BOTE-TUBULAR SALVA-VIDAS.**

O sr. Frederico Francisco de la Figanière, primeiro addido á nossa embaixada em Londres, remetteu-nos a seguinte carta que, por tratar de um ob-

jecto do maior interesse para a humanidade, publicamos integralmente, agradecendo áquelle mui estudioso cavalheiro, não só o serviço que assim vem

prestar á nação que dignamente serve, mas tambem o ter escolhido o *Panorama* para a primeira publicação de um trabalho tão importante, que recomendamos instantemente á attenção de toda a imprensa periodica. (1)

*Sr. Redactor.* — O desastre succedido ao vapor *Porto* demonstrou de um modo terrivel a urgente necessidade de barcos salva-vidas para o serviço da temerosa barra do Douro. Conhem, porém, que não só cuidemos de os obter, senão de procurar adquirir com preferencia aquelles de cujas boas qualidades não possamos duvidar, e que a experiencia nos tenha provado serem os mais proprios e de mais efficaç empregos n'um tão perigoso serviço.

Ha pouco tempo tive oportunidade de vêr um barco de construcção differente da de todos os que até hoje têm apparecido, e que se denomina *bote-tubular*. Pude reconhecer as suas apreciaveis condições; e por isso, desejando ser util aos meus compatriotas, me apresso a communicar-lhes e transmitir-lhes as seguintes observações, que submetto ao seu juizo.

Devo declarar, em primeiro lugar, que nenhum barco salva-vidas, a não ser o de que vamos tratar, reúne condições que o torne seguro em todas as contingencias possiveis: pois até aquelles, cujos inventores foram ultimamente premiados, succederam desgraças em alguns casos: os de Beeching obtiveram o grande premio, offerecido pelo duque de Northumberland; e todavia dous barcos deste systema viraram, perdendo-se toda a gente que n'elles ia!

O *bote-tubular*, inventado por mr. Richardson, é construido por um methodo inteiramente novo, e parece-me que bastará descrevê-lo e olhar para a gravura, de que vae acompanhada esta noticia, para convencer todos de que este barco possui os requisitos mais preciosos.

*ACB* e *ADB* são dous tubos de ferro, que assentam na agua, e cujos pontos se encontram nas extremidades (*A* e *B*). Os anneis que se observam nos tubos indicam os repartimentos em que se acham divididos; cada um destes repartimentos está á prova d'agua, e por consequencia, ainda que, por um acaso, appareça qualquer ruptura, a agua só se introduzirá no vão correspondente, ficando a parte restante do tubo segurissima. A linha *ACB* representa uma cinta de gomma elastica, de que são guarnecidos exteriormente ambos os tubos, para os proteger de pancadas contra rochedos, de abalroamentos etc. *EFGH* é uma grade formada de barras de ferro cruzadas, com uma especie de borda, assente sobre os dous tubos; é n'esta grade que se collocam os bancos dos remadores e passageiros. Os tubos são tão boiantes que seguem perfeitamente o movimento das ondas, e por isso estas não podem enxovalhar o barco; e quando a agua entrasse, acharia facil e prompta saída pelas aberturas da grade. Inferiormente tambem lhe não pôde chegar; porque os tubos o conservam sempre a certa altura da superficie do mar; esta altura será maior ou menor conforme o diametro dos tubos. Pôde-se usar de velas ou remos; de um ou outro modo, este barco alcança uma velocidade admiravel. N'este ponto a superioridade do *bote-tubular* é tão reconhecida que nem nas regatas o deixam já concorrer com outros. A vista d'isto é innegavel

que o *bote-tubular* possui todas as qualidades que se requerem n'um barco salva-vidas; isto é, não pôde virar; não pôde ir a pique; e é muito veleiro.

O *bote-tubular* não pôde de modo algum virar-se, porque a sua propria construcção o não permite, e a força boiante dos tubos é tal que o bote pôde erguer-se ao alto da mais soberba onda, sem perigo, ao mesmo tempo, que nos barcos actualmente empregados se requer a maior cautella e habilidade da parte da pessoa que governa o leme, aliás viram-se com facilidade. Pelo novo systema o leme não é indispensavel como segurança, e só é necessario para direcção. Além disto este bote pôde aguentar com o vento mais rijo, sem o minimo inconveniente. Para provar a grande resistencia de que é capaz, mandaram-se collocar oitenta e dous marinheiros de uma das naus inglezas em um dos lados do *bote-tubular*, e o effeito deste peso immenso foi apenas sensivel.

Não pôde ir a pique; porque, como já vimos, a agua acha sempre prompta saída; porque sustenta um peso enorme sem risco; e porque finalmente a circumstancia de se encherem totalmente os tubos de agua, (caso unico em que poderia afundar-se) torna-a a sua construcção quasi impossivel.

Já notámos a condição da velocidade, mui attendivel sempre, e mórmente em barcos desta natureza. O uso do *bote-tubular* tem muitas outras vantagens, que é inutil indicar, nem mesmo as conheço todas. Apenas direi que com elle é facil abordar um navio em perigo a despeito do mais desencadeado vendaval, e que pôde arrojarse a uma praia sem o receio de se atolar.

O inventor, com mais algumas pessoas, fez ultimamente uma viagem, torneando as costas de Inglaterra. N'esta viagem aconteceu sobrevirem-lhe fortissimos temporaes, procurou-os até, e pôde assim pessoalmente reconhecer a segurança e prestimo do barco de sua invenção. Terminada esta perigosa excursão mandou-o examinar, e encontraram-se tres ou quatro rupturas nas divisões de um dos tubos, que pareciam terem sido feitas de proposito. E comtudo não se havia dado por tal, nem se experimentara a mais insignificante differença no andamento do barco!

Mr. Richardson desafiou, n'uma curiosa circular, todos os inventores de barcos salva-vidas a provas publicas e solennes, e nenhum se atreveu a concorrer!

Julgo ter dito bastante para que o publico forme uma idéa sufficientemente clara de semelhante invenção. A sua utilidade em Portugal não se limitaria só ao serviço da barra do Porto; seria para desejar tambem que houvesse um ou dous barcos desta especie em cada um dos nossos vapores empregados na navegação do alto mar, como devem ser os que têm de servir para as carreiras do Brasil e costa de Africa etc.

O preço de construcção do *bote-tubular* varia segundo o tamanho; é comtudo inferior ao custo dos outros barcos salva-vidas feitos em Inglaterra. O *bote-tubular*, construido por mr. Lees, de Manchester, de ordem de mr. Richardson, custou pouco menos de duzentas libras esterlinas; tem quarenta pés de comprimento, e oito de largo; pesa cinco mil e quatrocentos arrateis inglezes; demanda apenas oito pollegadas de agua; e pôde levar de quatorze a dezoito remadores.

Mr. Richardson, que conheço pessoalmente, é um cavalheiro de Galles, muito rico, e philanthropo. Observando-lhe eu que o seu bote era o de que se precisava no Porto, disse-me, que ia mandar construir outro, e não teria duvida em ceder o que está

(1) Veja-se no n.º 47 do 9.º volume do *Panorama* a descripção do barco salva-vidas de Joseph Francis.

no Tamisa por cem libras, encarregando-se de o entregar no lugar designado pelo comprador; e acrescentou que teria muitissimo gosto, no caso de ser comprado o seu barco em Portugal, de ir pessoalmente ensinar o modo de o manobrar etc.

Entreí n'estas particularidades para que, se a muito benemerita sociedade real humanitaria do Porto, ou qualquer outra corporação, quizer adquirir este magnifico barco, saiba que o póde obter por metade do custo primitivo.

Londres. 8 de fevereçoiro de 1853.

F. F. de la Figanière.

## APONTAMENTOS DE VIAGEM.

### UMA HISTORIA NO BUSSACO.

#### VIII.

PAULO, quando acabou de lêr esta carta deixou-se cair pallido e transtornado sobre uma cadeira. Minutos depois ergueu-se de repente, e correu desorientado a casa de Luiza.

Ella já o esperava no jardim, debaixo de um caramanchão que deitava sobre a estrada real. Assim que o avistou correu anhelante, anciosa, a lançar-se-lhe nos braços:

— „Que é isto, Luiza; que succedeu; que mudança foi esta?! Parece-me um sonho tudo isto!?”

— „Tambem a mim, Paulo; mas infelizmente é uma bem triste realidade. Querem separar-me de ti, dentro de oito dias, ou menos talvez; mas tu...”

— „Eu... sou muito infeliz. Que hei de fazer?”

— „Que has de fazer? acompanhar-me seja como fór; deixar tudo, e vir.”

— „Acompanhar-te, filha! queres que abandone assim minha pobre mãe n'aquella idade, doente, e sem ter mais ninguem, n'este mundo?! Oh! Luiza!...”

— „Tens razão, Paulo. Mas que queres se me sinto morrer com esta idéa de ter de me separar de ti...”

— „E eu, santo Deus! Isto não póde ser... não nos vêmos e impossivel.”

— „Luiza!”

— „Paulo!”

E ambos caíram nos braços um do outro, e assim ficaram por largo tempo estreitamente abraçados.

#### IX.

Neste dia de tarde ella veio ás mesmas horas esperal-o no adro da ermida.

Quando Paulo a viu vestida de preto, com o rosto angelico banhado de lagrimas, abatido e demudado pela dôr, cuidou ter diante de si a imagem de uma d'essas virgens martyres, que appareciam nas poeticas legendas que sua mãe lhe contava quando elle era pequenino.

Tristes, desalentados, com o coração transpassado de angustia ficaram um ao pé do outro. Elle procurava debalde uma palavra de consolação para dizer-lhe; toda a energia do seu espirito se havia paralyzado com a dôr d'aquelle inesperado golpe.

N'essa tarde, quando Luiza voltou a casa, sua mãe veio apertal-a nos braços, e disse-lhe com a voz cortada de soluços:

— „Luiza, minha querida filha, é preciso que tenhas resignação. Quem sabe? Talvez que estas cousas mudem dentro em pouco...”

— „E quando nos vamos; quando disse o papá que havíamos de partir?”

— „D'aqui a tres dias, quinta feira, sem falta... Então! olha que teu pae ha de affligir-se se te vir assim! Toma animo; o tempo vò... De um momento para outro... minha filha, minha querida Luiza...”

E a pobre da mãe, coitada, amparava-a nos braços, animando-a, e affagando-a como se fosse uma creança.

#### X.

Á noite estava Paulo ao pé de Luiza. Esta, correndo os dedos pelo pianno, traduzia, a compôr uma *valsa*, os sentimentos que agitavam a sua alma.

Eram melodiosas, plangentes as estrophes d'aquelle canto; singelas, mas repassadas de sentimento como o cccação d'onde partiam.

Luiza nascêra artista. Sem mestre, sem ter ouvido nunca os grandes musicos, apenas com algumas lições que sua mãe lhe déra, tocava admiravelmente. É porque tinha uma d'estas organizações singulares que adivinham tudo.

Cada nota d'aquella *valsa* ficava para sempre impressa no ouvido, e no coração de Paulo.

E a imagem de Luiza n'esse momento? Oh! Quem poderia contemplal-a sem se sentir vivamente commovido por ella?!

N'aquellas olheiras pizadas, n'aquellas faces que a febre da inspiração accendia, em toda aquella physionomia, enfim, transparecia a paixão ideal da virgem, circumdando-a de uma aureola sagrada.

A musica é a primeira de todas as artes que o homem creou! Nenhuma traduz tão bem os nossos sentimentos; nenhuma nos falla tanto ao coração; nenhuma desperta sensações tão deliciosas na nossa alma!

A musica! Oh! quando a ella se ajunta a imagem de uma mulher que adoramos; quando longe, separados para sempre d'essa mulher, sentimos murmurar as mesmas melodias que outr'ora escutámos a seu lado; com que saudade tão viva se nos representam na imaginação sa scenas, que o tempo e a ausencia nos iam pouco a pouco obliterando da memoria!

Quem ao riturnello de uma *valsa*, a harmonia de um romance, a este, ou áquelle fragmento de certa opera, não tem ligada a lembrança de uma mulher?!

#### XI.

Passaram-se dous dias: chegou a vespera da partida.

Tu conheces Paulo e Virginia: lembra-te da scena em que elles proferem o ultimo adeus sob as folhas verdes das bananeiras, em presenca do mar, no meio d'aquella prodigiosa vegetação da America! Derramaste lagrimas quando leste aquella sublime elegia do coração? Pois se Deus me tivesse concedido o talento que concedeu a Bernardin de-Saint-Pierre, escrevendo esta scena havia de te commover, como te commoveram as paginas traçadas pelo admiravel escriptor.

E que aquelles dous entes eram tão infelizes, e amavam-se tanto, e havia tanta innocencia nas suas almas como nas de Paulo e Virginia.

## XII.

Luiza descêra ao jardim pouco depois de ter dado a meia noute; e ali, só, esperava que chegasse Paulo.

Este, assim que sentiu bater a hora aprazada, dirigiu-se para lá.

Quando escutou os passos d'elle, quando o viu ao pé de si, sentiu abandonarem-na as forças; e caiu desfallecida sobre um dos bancos do jardim.

Paulo tomou-a nos braços, encostou ao peito aquella cabeça adorada, reanimou com meigas caricias aquelle rosto angelico, tornou-a á vida em fim com os seus beijos de fogo.

— «Luiza, Deus ha de ter compaixão de nós; talvez que eu possa d'aqui a pouco... se as nossas familias não seguissem opiniões diversas, se os realistas não tivessem condemnado á morte teu irmão... se os constitucionaes não tivessem assassinado meu pae... podia eu... podiam os teus...»

— «É verdade, Paulo, é isso; meu pae quer-te muito. Ainda hontem lh'ó ouvi dizer; mas...»

— «Mas, o que, Luiza, dize?»

— «Mas é que elle sabe tudo; sabe que nós gostamos um do outro. Não sei como o soube, mas dizia...»

— «O que, o que?» perguntou o mancebo com ansiedade.

— «Que não póde consentir nunca em semelhante cousa!» respondeu ella desatando n'um choro que cortava o coração.

Paulo, ao escutar estas palavras, ergueu-se de um pulo, cruzou os braços, e ficou por alguns momentos calado, e pallido como um cadaver. Depois, com voz abafada, e como fallando consigo mesmo:

— «Que deixe estar, que não se encommode com isso; não hei de ser eu que vá pedir-lhe a mão de sua filha...»

Estas palavras foram ditas com tal orgulho; a sua physionomia assumira uma expressão de altivez e de severidade taes, que a pobre creança, quando olhou para elle estremeceu de o vêr assim.

— «Jesus, meu Deus, se soubesse não te dizia...»

— «Fizeste bem; eu quasi que o adivinhava... Tenho a certeza agora... Não importa; antes quero isso.»

— «Mas quem sabe se eu, que não tenho culpa, se por amor d'isso tu...»

— «Eu o que?!»

— «Te esqueces de mim, e do amor que me tens!» E dizendo isto beijava submissa as mãos de Paulo, e orvalhava-as de lagrimas.

— «De ti, do amor que te consagro, Luiza! Eu? Esquecer-me? Como, filha?! Posso não te pertencer nunca, querer o destino que tu não sejas minha; mas nem o tempo, nem a distancia, nem nenhuma das mil difficuldades que surgem na vida, são capazes de estancar, de enfraquecer as fontes de que elle deriva. Oh! como podia eu viver sem ti, sem a tua imagem?! E como hei de viver agora n'estes logares que tu vaes deixar? Deus me dê força, porque a não tenho; porque não me sinto com animo para tal!»

E caiu aos pés d'ella desfallecido; elle cujo character era tão energico, tão concentrado, tão rico de affectos e paixões viris!

(Continúa.)

R. A. DE BULHÃO PATO.

## BREVE E UTIL IDÉA DO COMMERCIO, NAVEGAÇÃO E CONQUISTA DA ASIA E DA AFRICA.

Mihi autem non minori curæ qualis  
Respublica sit hodie, quam que  
futura sit.

CICERO — DE SENECTUTE.

*Da-se noticia do negocio de Mujão e Macua em Moçambique, e suas terras firmes.*

Não levava pouco as attensões o vêr que sendo o tracto mercantil o mais proporcionado para o augmento dos reinos, republicas, cidades e villas, só em Moçambique de anno em anno se experimenta que pelo mesmo negocio sobrevem ruinas e deterioramentos. Sirva-nos de modelo o do Mujão e de Macua, em que se pretende mostrar, que posto por administração ha de dar conhecida e avultada utilidade, evitando-se as fraudes e enganãos, que continuamente se commettem n'aquelle continente.

E o negocio do Mujão e Macua quem nos antigos e preteritos tempos deu a muitos homens grandes cabedaes, pois eram consideraveis os lucros, que se percebiam da commutação do marfim; n'aquelles tempos havia simplicidade nos pretos, e nos brancos não reinava malicia e ambição; hoje á desordenada ambição acompanham innumeraveis desacertos, estão occasionadas as ruinas; e como ao erro se segue outro maior, não fazendo termo os que manejam este negocio, como precipitados falta-lhes o discurso para o acerto.

*Modo com que fazem n'este tempo o negocio.*

Todos os moradores assistentes em Moçambique de toda a nação, qualidade e sexo, vão ás casas de negocio, e n'ellas sobre seu credito, qual o têm, tomam o velorio e roupas, pondo-se nas terras firmes, d'onde expedem patamares ao sertão a convocar ranchos de mujãos, que do mesmo sertão descem trazendo marfim, escravos e mais generos; n'esta vocação se commettem disturbios, porque são muitos os patamares, que sendo pretos servem de correctores d'aquellas negociações, e nas vendas dos generos têm certas e conhecidas utilidades, a que dão o nome de pagas.

O macua, que é das terras mais visinhas, em toda a estação do anno frequenta o negocio, mas é em pouca quantidade: para esta nação não são necessarios correctores ou patamares.

O mujão principia a descer em maio, e continúa até o fim de outubro.

A multiplicidade de mercadores, e que não têm mais meio de passar a sua vida do que na negociação das terras firmes, usam de pura necessidade para suas indigencias do velorio e roupas, que na sua mão param; vêm a consummir licita e illicitamente a maior parte do cabedal, que haviam de empregar, e do restante só fazem o emprego. Como são muitos ha de uns a outros uma continuada guerra. Consideram que pouco que paguem no mez de agosto aos bancanes lhes sustenta o credito para no anno vindouro lhes fiarem mais fazendas a titulo do mesmo negocio, que dizem será melhor.

Como da parte dos mesmos não ha melhoramento no seu viver e no seu dispender, nunca podem perceber avanços; augmentam-se as dividas, e fica deteriorado o negocio pelos preços com que sem consideração commutam o marfim; de sorte que a desordem está no exorbitante preço da commutação, no pouco que empregam por terem consummido a maior

porção do cabedal, e na multiplicidade de mercados.

É inquestionável que do Mujão e Macua se extrahê cada anno o melhor de quinhentos candiz de marfim; muitas vezes se tem expedido esta porção, e nunca se viu diminuir.

Os empregos dos generos para esta negociação vem a ser vinte mil maços de velorio, e cem mil cruzados de effeitos, os quaes são roupas de Cambaya, e n'ellas pela maior parte ardians, capotins, chuabos, toucas, basuras, catarians, chauders e toucoris, algumas facas flamengas, baetas, pratos de estanho, ditos grossos da China, porcelanas da dita e calaim; não chega todo o emprego do velorio e effeitos á importancia de tresentos mil cruzados, e isto pelos preços de Moçambique, que a fazer-se a conta pela compra do velorio em Lisboa, e das roupas em Cambaya e Surrate, não excederia a quantia de cento e cincoenta mil cruzados.

Sendo de tanta consideração este negocio, quizeram pô-lo por administração, e desacertaram os meios que lhe applicarã: ha cinco annos que fizeram uma sociedade em que entraram accionistas; porém incluíram na compra do marfim tambem a escravatura, e como levava diversos fins e havia n'esta negociação ardis cavilozos, por isso não houve permanencia, e foi mandada abolir.

O marfim se ajunta em Moçambique todo o anno, e no mez de agosto se faz o despacho d'elle na alfândega d'aquella villa, remettendo-se para os tres portos de Goa, Damão e Dio, aonde torna a pagar direitos para ir a Surrate e Baunagar, aonde se estende por todo o reino de Guzarate.

Pelo expendido se vê que sendo em desordem feita esta negociação ainda é boa, o que não será se fôr feita por administração.

Se Sua Magestade fizer mercê a um mercador para elle só administrar, e fazer por sua conta a negociação do marfim das terras firmes de Moçambique, vulgarmente chamado negocio de Mujão e Macua, pôde o mesmo mercador obrigar-se a dar á fazenda de Sua Magestade em Moçambique a quantia de sessenta mil cruzados, ou na India por esta quantia a de oitenta mil xerafins.

Os mercadores e moradores de Moçambique não recebem lesão alguma, pois para o seu tracto mercantil têm todos os outros generos, e n'elles a escravatura que é de muita ponderação.

Não ficam deterioradas as alfândegas de Sua Magestade, pois sempre se hão de pagar os mesmos direitos reaes na fórma do costume.

#### *Modo com que se deve fazer a negociação.*

De Lisboa se mandarão conduzir vinte até vinte e cinco mil maços de velorio, que não seja do mais miudo, que tenha pouco ou nenhum vermelho; quatro ou cinco mil covados de baeta ordinaria da cor de sangue de boi, e na falta d'ella, de quaesquer outras cores vermelhas. Com duzias de barretes vermelhos de pizão, doze arrobas de pratos de estanho, duas barricas de facas flamengas; a esta fazenda se ajunte a porção de roupas, que se julgar necessaria para o sortimento; assim mais o calaim, e louça grossa da China; estes effeitos se devem comprar no primeiro anno em Moçambique; tudo entregue a dous homens intelligentes que possam bem dirigir a negociação.

Na terra firme se destinem quatro casas bastante-mente separadas entre si; em cada uma d'ellas estarão dous sujeitos, um subordinado ao outro; estes sempre estarão promptos para fazer a compra do

marfim, e receberão na casa da negociação em Moçambique os generos sorteados para as suas feitorias, tendo livros separados para cada um.

Cada vinte dias metterão o marfim da sua factura na casa da negociação; a mesma casa de negociação ha de ter uma lancha com dous lascars para girarem todos os dias e conduzirem os negros da negociação, e juntamente transportarem o marfim.

Em cada uma das quatro casas se conservará sempre a importancia de quatro mil cruzados de effeitos para a compra de marfim.

No segundo anno pôde a negociação não comprar as roupas aos mercadores em Moçambique, pois mettendo por Damão, ou Surrate nos canaes de Cambaya a porção de cincoenta candis de marfim, e empregando a sua reputação nas roupas respectivas da negociação fará a melhor e maior utilidade.

Os feitores se desvelarão na compra do marfim, dando por cada arroba d'elle grosso a quantia de trinta cruzados nos seus respectivos e sorteados generos, e por esta quantia se lhes tomarão as suas contas. Como a arroba de marfim grosso tem o valor de cincoenta e seis cruzados, vem a ganhar a negociação em cada arroba vinte e seis cruzados, por ser aquelle preço de cincoenta e seis o valor com que geralmente corre este genero.

As outras especies de marfim que são: meão, meudo e sêra, têm a sua redução á proporção do seu valor: determinar-se-ha a sua compra regulando-se esta pelo mesmo avanço.

Faz-se certo que os pretos negociantes do sertão ficarão contentes, e satisfeitos com a quantia exposta: o tempo o mostrará.

Para orçar o que por consignação se deve pagar aos que moverem este negocio, quem tem experiencia do vencimento, dos caixas não lhe é difficiloso este ponto. Offerece-se-me dizer que deve attender-se a que hão de trabalhar com honra, verdade e zelo, em um paizaonde os viveres não são baratos.

*(Continúa.)*

— Senhor, os reis são vassallos de Deus, e se os reis não castigam os seus vassallos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as cordões nas mesmas nações e familias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escriptura Sagrada: e entre todas as injustiças nenhuma clamam tanto ao céu, como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham.

PADRE A. VIEIRA.

— O jogo é o meio de fazer facil transição da opulencia para a miseria; da consideração para o desprezo; da honra para o crime.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Aquelles senhores cujas assignaturas terminam com o numero 12, queiram ter a bondade de as renovar com tempo, para não soffrerem interrupção na remessa. Os preços são os annunciados por differentes vezes; isto é, por anno, ou 52 numeros, 1\$300 réis; por seis mezes ou 26 numeros, 700 réis: avulsamente, 30 réis cada numero.